

Aí Evaristo da Veiga se iniciou no ramo, vendendo, por exemplo, o *Curso de Política Constitucional*, de Benjamin Constant, Benthan, Blackstone, Foy, Ricardo, Say, as fontes prediletas do pensamento político dos primeiros legisladores brasileiros. Em 1827, os irmãos se separariam, permanecendo ambos no mesmo mister, no entanto: João Pedro continuou na rua da Quitanda, Evaristo montou sua loja à rua dos Pescadores, onde vendeu muito Rousseau, Montesquieu, Beccaria e outros. O ramo, aliás, teve muitos franceses a exercê-lo: M. Cremière, Cogez, Ogier, Plancher, etc. A partir da época da Regência, Paula Brito tinha loja, no largo do Rocio. Havia, assim, um público razoável, considerando o peso dos longos séculos de passado colonial e de tudo o que isso significou sempre, e aqui particularmente, de atraso, ignorância e miséria. Essa expansão do comércio de livros estava em consonância com as condições políticas que evoluíam rapidamente: era um país novo que começava a emergir, com a sua camada culta ansiosa por definir-lhe os rumos e necessitada, para isso, de informar-se. O livro, assim, rompia a clandestinidade, deixava de ser estigmatizado como coisa diabólica, começava a interessar. Mais do que isso: a ser necessário. E o saber, de que era ferramenta, encontrava agora, nas classes ou camadas menos desfavorecidas, aquelas que tinham acesso ao ensino, um lugar e uma função. Ler, aprender, eram atividades que continham, em si mesmas, como sempre, um sentido anticolonialista — representavam um esforço de libertação.

Desse esforço, de sua importância, deram sinal os revolucionários

e pessoas, e propriedades de toda a sorte de injúrias, fazendo-os continuar em seu comércio, tráfegos e ocupações com maior liberdade que dantes, proclamando enfim por um bando os sentimentos do Governo, e do Povo, e não haver mais daqui por diante diferenças entre nós de brasileiros e europeus, mas deverem todos ser tidos em conta de uma só e única família, com igual direito a uma só e mesma herança, que é a prosperidade geral de toda esta Província.

A nove, tudo se achava no mesmo espírito de concórdia e pacificação geral, sem que o povo se ressentisse de outra novidade que das bondades do Governo, todo aplicado a promover a segurança interior e exterior por medidas acertadas, buscando esclarecer a sua marcha com dividir as matérias de maior importância por comitês compostos de pessoas de maior capacidade conhecida para cada uma delas, com que tem obtido ao mesmo tempo popularizar as suas deliberações o mais possível.

Naquele mesmo dia o Governo foi permanente até a meia-noite para continuar diversos despachos, que hoje apareceram, sendo dos mais importantes fazer entrar os funcionários públicos nas suas ocupações, como dantes, sem tirar ninguém do seu ofício, proscrever as fórmulas de tratamento até agora usadas, sem admitir nenhuma outra que a de Vós — mesmo com ele, Governo, abolir certos impostos modernos, de manifesta injustiça e opressão para o Povo, sem vantagem nenhuma da Nação, etc., etc. E tal é o nosso estado político, e civil, até hoje, 10 de março de 1817.

VIVA A PÁTRIA

Vivam os patriotas e acabe para sempre a tirania real."